

GUIA PARA IMPRENSA SOBRE A 25º CONFERÊNCIA DAS PARTES DA CONVENÇÃO QUADRO DA ONU PARA MUDANÇA DO CLIMA

O QUE ESPERAR DE MADRI?

SUMÁRIO



UMA COP DIFERENTE

O QUE ESTÁ NA MESA DE NEGOCIAÇÕES

A QUESTÃO FINANCEIRA

QUEM SÃO OS PROTAGONISTAS

O CHILE

O PAPEL DA ESPANHA

O BRASIL NA COP

O TAMANHO DO DESAFIO

LISTA DE FONTES

ONDE ENCONTRAR INFORMAÇÕES ÚTEIS

AGRADECIMENTOS



Agradecemos a Ana Toni, do iCS-Instituto Clima e Sociedade, Carlos Rittl, do Obsevatório do Clima, Márcio Astrini, do Greenpeace, e Mark Luttes, do WWF-Brasil, pelo briefing concedido em 13 de novembro de 2019, cujas informações integram este material.





UMA COP DIFERENTE

A 25ª Conferência das Partes da Conferência-Quadro da ONU para Mudança Climática, ou simplesmente COP25, que acontece de 2 a 13 de dezembro de 2019 em Madri, na Espanha, tem características peculiares que a diferenciam dos últimos encontros.

Até 2015, em Paris, a expectativa era de firmar um grande acordo climático global – tentativa que já havia fracassado em 2009. O fantasma de Copenhague assombrou todas as conferências seguintes, que tinham como meta principal manter as negociações, evitando o colapso do sistema multilateral, e chegar a um acordo que abrangesse a todos.

De 2015 para cá, as conferências têm se debruçado sobre como operacionalizar o Acordo de Paris, que entra em vigor em 2020. Ainda há regras a serem negociadas, entre elas as que regerão o mercado de carbono, que foi bloqueado no ano passado pelo Brasil (mais detalhes adiante). Por isso, a COP25 é importantíssima porque é a conferência que tem que finalizar a tarefa e também a última oportunidade para os países colocarem seus temas na mesa.

Porém a COP25 começa a olhar para um futuro no qual o Acordo de Paris já estará implementado. Se a União Europeia, a China e a Índia sentirem a pressão que virá das ruas (ver mais adiante), esta injetará algum ritmo nos esforços climáticos globais.

A COP25 também é diferente porque acontece na Europa, sendo que este ano a região que deveria receber a conferência é a América Latina, dentro do esquema de revezamento seguido pela ONU para que todas as regiões do planeta sejam incluídas no calendário das negociações. Não se trata de algo inédito: em 2017, Bonn, na Alemanha, recebeu a COP prevista para Fiji por falta de estrutura física para receber os milhares de participantes da conferência nessa pequena ilha do Pacífico. Porém desta vez a transferência se deu por recusa dos países latino-americanos: primeiro, o Brasil, pelo então candidato eleito Jair Bolsonaro; agora, por Sebastian Piñera, em virtude dos protestos no Chile.

A transferência de última hora do Chile para a Espanha enfraquece as negociações, pois o país que sedia o encontro também assume sua presidência – uma função estratégica para o sucesso das conversas. Basta ver o quanto do fracasso da COP15 foi turbinado pela inabilidade do ministro dinamarquês! Às vésperas do encontro, a co-presidência da Espanha, embora bem-intencionada, teve pouquíssimo tempo para se preparar. A transferência também enfraquece a participação da sociedade civil latino-americana, que mais uma vez terá que acompanhar as negociações de longe.

A passagem da COP25 para a COP26 não será igual à das conferências anteriores, porque o Reino Unido, que tem a presidência da próxima cúpula climática, terá eleições em 12 de dezembro. O que significa que a delegação que participa agora pode não ser a mesma que dará continuidade ao trabalho no ano que vem.

Outro fator que pode afetar o ânimo das negociações é a confirmação da saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris dentro de um calendário bastante apertado: caso Trump não vença, o país poderá mudar de decisão, porém a saída se efetiva no dia seguinte às eleições norte-americanas do ano que vem. Os números indicam que o país continua reduzindo suas emissões, porém, sem o maior emissor global no Acordo, mas ainda fazendo parte da convenção climática da ONU, os negociadores poderão voltar a enfrentar situação semelhante à vivida no Protocolo de Quioto.

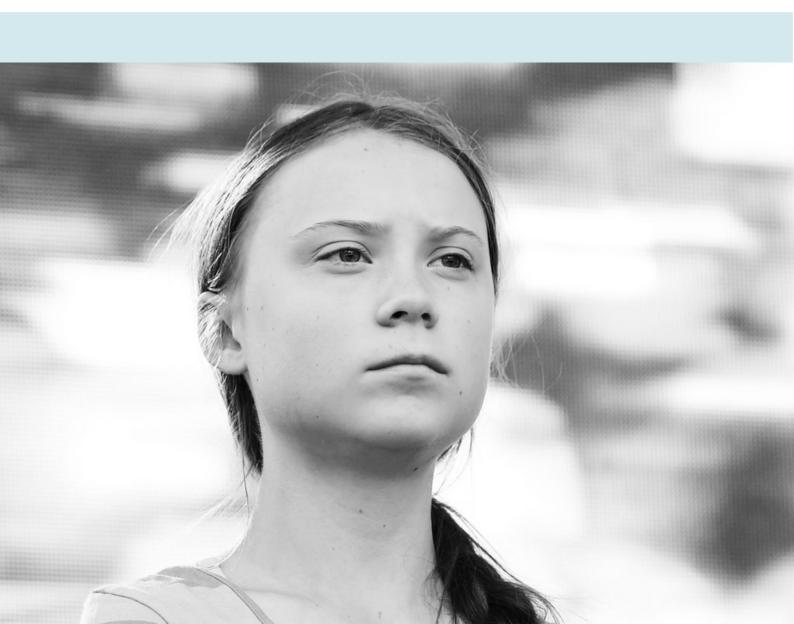
A guerra comercial EUA-China e o recrudescimento global do populismo e do protecionismo também podem afetar as negociações, que talvez não contem com o mesmo nível de cooperação internacional.

Outra diferença da COP25 é que ela deve ter maior participação (e pressão) dos atores não-estatais, como governos estaduais e municipais, empresas, cientistas e sociedade civil. Desde o icônico movimento We Are Still In, criado nos EUA quando Trump anunciou a saída do Acordo, até delegações de governadores, a cada ano essas vozes têm sido mais altas e mais frequentes. Entre elas, a voz dos jovens.



O FATOR JUVENTUDE

A COP25 será a primeira a acontecer depois da disseminação global das greves climáticas inspiradas na ativista sueca Greta Thunberg, que promete participar da conferência. Uma grande manifestação global está convocada para o dia 29. Também será a primeira COP realizada sob os olhares da Extintion Rebellion, que é particularmente forte no Reino Unido – um dos protagonistas da conferência de Madri por sediar a próxima cúpula..



O QUE ESTÁ NA MESA DE NEGOCIAÇÕES



COMPROMISSOS NACIONAIS MAIS ALINHADOS COM A CIÊNCIA

Para citar o Secretário Geral da ONU: "ambição, ambição, ambição e ambição".

O Acordo de Paris tem mecanismos de elevação progressiva da ambição dos países (na linguagem diplomática, ambição é o termo usado para descrever o estabelecimento de metas mais rigorosas para o corte das emissões). A cada cinco anos, novas metas entram em vigor – isso é o que dá esperança de que o Acordo de Paris alcance sua meta de manutenção do aquecimento médio da superfície terrestre em dois graus centígrados, já que os compromissos assumidos até agora estão aquém disso. Madri é o momento em que começa a corrida dos governos para apresentar novos planos climáticos.

Ou seja, a COP25 é uma reunião vital para a ambição global.

Espera-se que António Guterres esteja em Madri para reforçar seu apelo aos países no sentido de que parem de alimentar seu vício em carvão, exigir planos para a neutralidade do carbono até 2050 e pedir o fim dos trilhões gastos no apoio ao setor de combustíveis fósseis.

A União Europeia pode anunciar seu plano de zerar as emissões líquidas de carbono para 2050, enquanto 100 ou mais países poderão se comprometer com a neutralidade do carbono em meados do século. A Aliança para Ambição Climática, liderada pelo Chile e pela ONU, está sendo anunciada pelos anfitriões como o 'resultado primário' da COP25. Até agora, 67 países se inscreveram na Aliança, que tem como objetivo as emissões líquidas zero de carbono até 2050. Os anfitriões querem dobrar a participação na coalizão e atrair negócios, cidades e regiões.

0 7 MERCADOS DE CARBONO

Expira também na COP25 o prazo para a determinação de como os mercados de carbono podem desempenhar um papel positivo nos esforços globais.

As regras do Artigo 6 do Acordo de Paris (que abrange os mercados) permanecem no limbo depois do veto brasileiro no ano passado e devem ser uma das negociações mais difíceis da Cúpula.

No fundo, trata-se de uma questão de integridade: as 'compensações' usadas pelos países e pelas grandes empresas contam para novas reduções de emissões? Ou o acordo permitirá 'pedaladas', com florestas existentes sendo contadas como novas? Como evitar que dois países usem uma mesma redução para atingir as metas climáticas?

Países que vendem créditos, portanto, não poderiam contabilizar a redução em seus inventários. Isso se aplica ao parágrafo 6.2 e também ao 6.4, que é a continuação de esquemas semelhantes aos do MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo), na opinião de todos os países, exceto o Brasil.

Outro ponto controverso é se tais esquemas passam para o Acordo de Paris inteiro ou em parte. Há dois pontos principais: um sobre transferência de compensações de país para país e um mercado global separado de carbono que permita países (e, através deles, empresas) para compensar emissões. No primeiro, trata-se apenas de garantir que não haja contabilidade desonesta. No segundo, trata-se de estabelecer um sistema totalmente novo e como este se relaciona com os mercados de carbono existentes.

Existem perguntas sobre quanta transferência haverá dos mecanismos de mercado existentes (apenas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento) - ou seja, se China, Índia ou mesmo o Brasil podem vender compensações produzidas agora para países que desejam usá-las para compensar sua ação entre 2020 e 2025. Obviamente, isso prejudica a pressão pela redução das emissões nos próximos cinco anos.



08 PERDAS E DANOS

Os custos crescentes das perdas e danos relacionados a extremos climáticos estão de volta à agenda e serão uma questão premente na COP25. Os países vulneráveis desejam que o órgão da ONU que governa a questão - conhecido como Mecanismo Internacional de Varsóvia (WIM) - tenha acesso a apoio financeiro para que aqueles afetados pelo clima extremo possam ser ressarcidos. Para que o WIM esteja totalmente operacional, os governos devem revisá-lo. Isso vai acontecer em Madri. Juntamente com o financiamento, a governança é uma questão fundamental (e principalmente política). Dúvidas: o WIM servirá apenas à CMA (a reunião das Partes do Acordo de Paris dentro da COP), ou à COP e à CMA? Somente as partes do Acordo de Paris podem participar da CMA, o que limita seu escopo. Enquanto os países desenvolvidos desejam principalmente que o WIM esteja sob a CMA, a maioria dos países em desenvolvimento deseja que a WIM atenda tanto à CMA quanto à COP.

CIÊNCIA

O IPCC-Painel Intergovernamental de Mudança Climática produziu dois relatórios em 2019: um sobre os impactos climáticos em terra, o outro sobre os oceanos e a criosfera. A principal mensagem dos cientistas é que o mundo precisa reduzir pela metade as emissões entre 2020 e 2030 e, simultaneamente, regenerar a natureza, para a melhor - mas não certa - chance de permanecer com 1,5 graus de aquecimento. Em Madri, os países decidirão como usar as recomendações dos cientistas. No início deste ano, Arábia Saudita, Irã, Kuwait e EUA se opuseram a que referências do relatório seminal de 1,5 ° C do IPCC integrem discussões políticas.

OUTROS TEMAS

- A COP25 também tem em mãos a batata quente do alinhamento dos prazos dos períodos de compromisso. Até agora, não há acordo sobre as datas e isso compromete o futuro do Acordo de Paris: a próxima rodada de negociações para compromissos após 2030 ainda não definiu se os prazos serão de cinco ou de dez anos.
- Em Madri, os negociadores também discutirão o futuro da Parceria de Marrakesh – firmada na COP24 sob a égide da Agenda de Ação Climática. Esta é a única maneira pela qual empresas, cidades e outros atores subnacionais podem se envolver formalmente com países da UNFCCC. Há um programa de trabalho que abrange 2019 e 2020, porém seu futuro ainda está incerto.
- Assim como fez a presidência das ilhas Fiji, também o Chile está trazendo o tema dos oceanos para a conferência. À luz das conclusões do relatório do IPCC sobre oceanos e criosfera lançado este ano, o tema ganha relevância, urgência e endosso mais forte da ciência.



A QUESTÃO FINANCEIRA

O DINHEIRO DISPONÍVEL ESTÁ AQUÉM DO NECESSÁRIO

Novas promessas ao Fundo Verde para o Clima somaram US\$ 9,8 bilhões para o período 2020-2023. Falta muito para o que é necessário para lidar com a emergência climática e até para atender o pipeline de projetos identificados pelo Fundo, que soma US\$ 15 bilhões.

Os países em desenvolvimento querem garantias de que serão apoiados ao se comprometerem com planos climáticos novos e mais rigorosos. É inevitável que a questão sobre o compromisso de US\$ 100 bilhões por ano até 2020 em ajuda aos países em desenvolvimento seja levantada em Madri, já que estamos no final do prazo estabelecido em 2009, na conferência de Copenhague, sem que essa meta tenha sido alcançada. Os debates devem também abranger uma nova meta pós-2020.

O último relatório da OCDE revela que as finanças fornecidas e mobilizadas por países desenvolvidos atingiram US \$ 71,2 bilhões em 2017, contra US \$ 58,6 bilhões em 2016. Atingir US\$ 100 bilhões 'requer esforços contínuos para aumentar as finanças públicas e melhorar sua eficácia na mobilização de finanças privadas', recomendou o relatório.

De acordo com uma análise de novembro de 2019 feita pela Climate Policy Initiative, os investimentos globais em financiamento climático caíram de um recorde de US\$ 612 bilhões em 2017 - impulsionado principalmente por adições de capacidade de energia renovável na China, EUA e Índia - para US\$ 546 bilhões em 2018.

OS PROTAGONISTAS





Apesar da mudança de cidade, a presidência da COP25 permanece com a ministra do meio ambiente do Chile, Carolina Schmidt. É a primeira mulher a desempenhar o papel desde que a sul-africana Maite Nkoana-Mashabane o desempenhou em 2011. Ex-chefe do Escritório Nacional da Mulher, Schmidt sempre procura incorporar questões de gênero no debate climático, pois as mulheres continuam a suportar desproporcionalmente o peso do aquecimento global. Em recente entrevista ao El País, declarou que "Os principais temas [da COP25] serão ambição, ambição e ambição. O mundo da ciência nos mostrou que a hora de agir é agora e precisamos passar da negociação para a ação."



ANTÓNIO GUTERRES

Os esforços do português António Guterres, Secretário Geral da ONU, para que os países avancem no enfrentamento da crise climática antecedem a COP25. Além discursos, vídeos e manifestações em redes sociais, ele idealizou uma cúpula climática global na véspera da Assembleia Geral das Nações Unidas, na qual um grupo de países chegou a formalizar o compromisso de elevar suas ambições. A presença de Guterres na COP25 é certa e está prevista inclusive no calendário preliminar na conferência.





PATRÍCIA ESPINOZA

julho deste ano, Patrícia Espinosa escolhida novamente para ocupar a Secretaria Geral da ONU Mudança Climáticas. No atual cenário de mudança de endereço da COP, a permanência da mexicana é uma boa notícia. Diplomata de carreira desde 1981, mãe de dois filhos, é fluente em quatro idiomas. Sua falta de bagagem política contou pontos a favor entre os negociadores, assim como seu trânsito entre o Norte e o Sul globais, embora o México seja membro do clube de economias desenvolvidas da OCDE e não faça parte do grupo G77 de países em desenvolvimento. Se sua antecessora, Christiana Figueres, brilhou como principal responsável pelos esforços do órgão climático da ONU, diante das câmeras e nos bastidores, a gestão de Espinosa marcou uma mudança de estilo, com ênfase na criação de equipes.

UNIÃO EUROPEIA

A União Europeia chega à COP25 sem o Reino Unido, porém com vontade de ser uma das líderes da ação climática. No começo de novembro, um mês antes da conferência, o Comitê de Meio Ambiente, Saúde Pública e Segurança Alimentar aprovou uma resolução pedindo à UE que submeta na conferência a sua estratégia de longo prazo para alcançar a neutralidade climática o mais tardar até 2050. Por trás disso, está o pêndulo da opinião pública inclinando-se cada vez mais em favor de uma ação climática mais forte. A Europa é o lar da jovem ativista Greta Thunberg e também o continente com maior adesão às greves climáticas. É também onde o aquecimento global é mais tangível: neste último verão europeu pelo menos oito países quebraram suas temperaturas máximas histórica neste verão: Reino Unido (38,7°C), Alemanha (41,7°C), Bélgica (41,8°C), França (45,9°C), Luxemburgo (40,8°C), Países Baixos (40,7°C), Holanda (40,4°C) e Escócia (31,6°). Portugal teve a temperatura mais alta registrada em 26 verões. Em Lisboa, foram 44°C. Em Alvega, no distrito de Santarém, os termômetros chegaram a marcar 46,8°C. Ondas de calor atingiram a Europa em 2003, 2006, 2010, 2014, 2015, 2017, 2018 e neste ano. A Agência Europeia do Ambiente (EEA, em inglês) fala que o velho continente já sofreu uma alta de 1,6°C a 1,7°C acima dos registros do período pré-industrial no mesmo período – bem perto do limite de 2°C previsto pelo Acordo de Paris.

REINO UNIDO

O governo do Reino Unido deve comparecer a Madri com algum vigor, posto que a opinião pública britânica inclina-se fortemente em favor do tema e sediará a COP26. As eleições gerais do Reino Unido, em 12 de dezembro, tornarão tudo um pouco mais complicado para os negociadores de Londres, não só por conta das incertezas em relação ao cenário político interno como também pela cobrança para que Glasgow seja "COP da ambição", na qual o mundo conte com planos climáticos nacionais mais fortes e uma mudança global da mente para tratar a crise climática com a seriedade e urgência que ela exige.

ESTADOS UNIDOS

Os norte-americanos devem repetir a participação dividida vista nas duas últimas conferências: de um lado, negociadores participando da negociação de um acordo do qual pretendem sair e, portanto, sem grande empenho pelo seu sucesso; do outro lado, atores não governamentais presentes e atuantes, pressionando pelo sucesso da cúpula. A ausência dos EUA nos compromissos financeiros deve tornar ainda mais árdua essa parte das negociações.



PAÍSES VULNERÁVEIS

O mecanismo de Perdas e Danos foi introduzido e tem sido fortemente defendido pelo grupo AOSIS, que deverá novamente assumir o protagonismo neste front. Historicamente o grupo dos pequenos países insulares (AOSIS) e o Fórum dos Países Vulneráveis (CVF) têm participações marcantes, dada a grande legitimidade de suas falas e iniciativas. Afinal, são países que praticamente não contribuíram com as emissões de gases que causaram a mudança do clima, mas estão entre os mais afetados.

JOVENS

A ativista climática sueca Greta Thunberg planeja estar na capital espanhola para a cúpula. O crescente movimento global de greve escolar marcou 29 de novembro como o próximo grande "momento" para lembrar os políticos do que está em jogo. O grupo de campanha 350.org calcula que as ruas de Madri podem ter uma participação forte. Os apelos a um novo acordo verde que atinja metas climáticas e sociais, bem como o apoio às comunidades em desenvolvimento para tornar a transição justa - especialmente relevante à luz da agitação civil no Chile, assim como em outros países - provavelmente serão importantes.

BASIC

O grupo que reúne grandes emissores de gases de efeito estufa, mas que não atingiram altos níveis de desenvolvimento econômico, teve um encontro em outubro deste ano. Na declaração aprovada por Brasil, África do Sul, Índia e China, há fortes cobranças aos países desenvolvidos com base no princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas – princípio da Convenção Quadro da ONU para Mudançado Clima que aparece logo nos segundo e terceiros parágrafos do texto. Trata-se de um bom indicativo de que o grupo adotará posições duras que, eventualmente, reflitam a truculenta disputa comercial entre China e EUA.



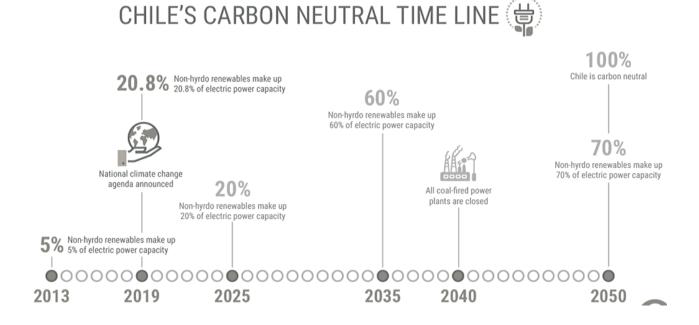






O CHILE

Antes da crise social, o governo Piñera tentava emplacar a ação climática como uma oportunidade bipartidária de bom senso para o crescimento. Na reunião do G7, no final de agosto, que entregou um acordo para controle de incêndios e reflorestamento da Amazônia, Piñera mediou as tensões entre o presidente brasileiro Bolsonaro e o francês Macron. O cancelamento da COP em Santiago comprometeu a imagem de liderança climática que o Chile estava lapidando. Parte desse esforço inclui a agenda nacional de mudanças climáticas lançada em junho de 2019 pelo presidente chileno Piñera, a qual inclui a previsão de fechar suas 28 usinas a carvão até 2040. Ele propõe preencher a lacuna resultante de 40% em seu mix de eletricidade, além de toda demanda futura crescente, com energia renovável - com o objetivo de alcançar a neutralidade de carbono até 2050. Em 2013, as energias renováveis representaram apenas 5% da capacidade de energia elétrica do Chile, sendo o restante proveniente de carvão, gás natural e hidroeletricidade (a última das quais não é considerada uma fonte de energia renovável na política nacional). Até 2019, esse número subiu para 20,8%, o que está em linha com a meta de 20% de produção de eletricidade a partir de fontes renováveis não hidrelétricas até 2025. O país está no caminho de atingir metas adicionais de 60% até 2035 e 70% até 2050. O coordenador nacional de eletricidade do Chile prevê que este ano a energia solar (9,4%) ultrapassará o gás natural (8,6%) como uma parcela maior do mix de eletricidade chileno. A crise climática tem uma presença tangível na vida cotidiana de agricultores, pescadores, empresários, estudantes e todos os demais chilenos. Nos últimos 10 anos, o país passou por uma mega-seca, incêndios florestais recorde, recuo glacial generalizado e um aumento nas condições climáticas extremas. O WRI prevê que, em 2040, o Chile será o país de maior stress hídrico no ocidente.



A ESPANHA



acolhimento da COP 25 é uma excelente oportunidade para a Espanha mostrar o progresso feito na transição energética desde que os socialistas chegaram ao poder em junho de 2018. A ministra da transição ecológica, Teresa Ribera, está determinada a usar a COP para avançar na ação internacional e impulsionar também para sua ambição doméstica. Após anos de estagnação desenvolvimento de energias renováveis sob governo anterior, a Espanha agora tem muito a compartilhar com o mundo. Eles se tornaram líderes em garantir uma transição justa, começando com um acordo para fechar todas as minas de carvão no ano passado, assinado por todos os sindicatos. Tem havido um claro compromisso de "não deixar ninguém para trás", e o governo continuou a trabalhar com as comunidades afetadas para garantir que o fechamento de usinas a carvão seja compensado pelo crescimento da economia de baixo carbono. A estratégia parece ter sucesso e, nas áreas afetadas, os socialistas mantiveram ou até aumentaram sua participação nos votos nas últimas eleições. A Espanha também tem um enorme potencial como líder global em energia renovável. O Bloomberg New Energy Outlook para 2019 rotulou a Iberia como 'padrão ouro' para investidores em energias renováveis. Com abundantes recursos eólicos e solares, e empresas como a Iberdrola mostrando liderança na produção e expansão de energias renováveis, os investidores institucionais buscam altos retornos na Espanha, enquanto, para implementar seu plano nacional de energia e clima para 2030 (NECP), a Espanha deve atrair quase € 200m de investimento privado.

O BRASIL NA COP

GOVERNO E ATORES NÃO GOVERNAMENTAIS



Este ano, atores não-governamentais brasileiros contam com o Brazilian Climate Action Hub, no Pavilhão B da Blue Zone, onde a sociedade brasileira concentrará suas atividades. O calendário pode ser consultado no site https://www.brazilclimatehub.org

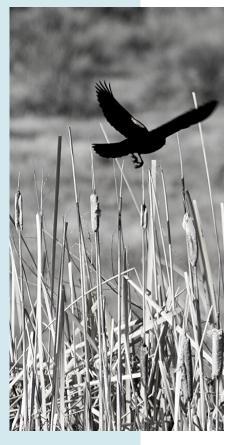
Esta será a primeira conferência climática do governo Bolsonaro – um governo cujos ministros de Meio Ambiente e Relações Externas negam que a atividade humana esteja causando uma crise climática e que promoveu um retrocesso ambiental sem precedentes em seus primeiros onze meses de gestão, com forte repercussão no exterior. Atualmente, Bolsonaro é visto em outros países do mesmo jeito que o Recep Tayyip Erdogan, na Turquia, e o governo Donald Trump. Essa postura e os recordes de queimadas e desmatamento da Amazônia tiram do Brasil a condição de importante negociador e seu poder de impor uma Historicamente o país contava com uma longa trajetória associada à questão ambiental, que remonta à Rio92. O país era reconhecido pela qualidade de sua diplomacia, pelo empenho nas negociações climáticas e pela força do dever de casa cumprido, na comparação com outros países. Embora nenhum governo de nenhum partido tenha tratado a questão ambiental ou climática com a importância necessária, eles sempre produziram algo – um plano, uma política, metas – para apresentar. Desta vez, nem isso. Há um vazio em relação ao futuro quando se fala em clima ou meio ambiente no Brasil. Até agora, o atual governo usa apenas os feitos do passado para se credenciar, ao mesmo tempo em que trabalha para desmontar todas as instâncias, ferramentas e instrumentos. Isso significa que embora esta seja a primeira COP do novo Itamaraty, podemos esperar que o Brasil entre nela muito menor que em anos anteriores. E corremos o risco de sairmos menores do que entramos.

O TAMANHO DO DESAFIO

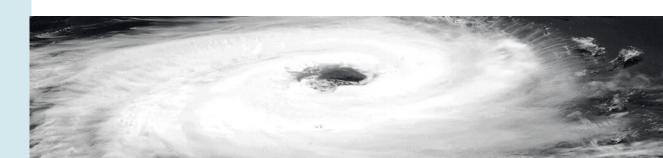
A crise climática é real e já está acontecendo

O aumento da temperatura já é uma realidade. Dados do monitoramento da agência espacial americana (Nasa) e da Administração Oceânica e





Na mesma semana, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) lançou relatório advertindo que se as emissões globais de gases de efeito estufa não caírem 7,6% ao ano entre 2020 e 2030, o mundo perderá a oportunidade de limitar o aquecimento global neste máximo, 1,5oC. século no De com Emissions Gap Report 2019 do PNUMA, mesmo se os compromissos atuais forem implementados, temperatura média global deverá crescer até 3,20C com relação aos níveis pré-industriais, o que acarretará em impactos climáticos ainda mais destrutivos nas próximas décadas. Para alcançar a meta de 1,5°C, os objetivos precisam ser cinco vezes mais ambiciosos na próxima década. Desse modo, o Pnuma afirma que, apesar da pressão, ainda é possível permanecer abaixo de 2°C e até 1,5°C. Segundo a ONU, os 20 países desenvolvidos do mundo respondem por 78% de todas as emissões, mas 15 deles ainda não se comprometeram com um cronograma para zerar as emissões. China, União Europeia e Índia – membros do grupo das 20 maiores economias do mundo (G20) - estão a caminho de cumprir seus compromissos iniciais de redução de CO2. Mas pelo menos sete integrantes do bloco, incluindo Japão e Estados Unidos (país que oficializou a saída do Acordo de Paris), não os respeitarão.





NA COP25 também começa sob o impacto global do clima. Incêndios estão consumindo florestas da Amazônia à Indonésia, do Congo à Austrália, passando pela costa oeste norteamericana. As inundações atingiram o Reino Unido e Veneza. Ondas de calor. supercarregados е chuvas torrenciais são comuns. O número de mortos por impactos climáticos cada vez mais devastadores cresce. As economias pequenas, médias e grandes estão lutando com as consequências desses impactos. Protestos desigualdade, corrupção, políticas injustas e falta de comodidades básicas, como ar puro e áqua, estão levando as pessoas às ruas. Jovens, comunidades indígenas e vulneráveis estão começando a alavancar um poder significativo. Cientistas. político artistas. empreendedores, prefeitos e cidadãos comuns estão se referindo cada vez mais a isso como uma 'crise climática'. Os grupos verdes devem argumentar que a causa raiz da crise climática está ligada ao capitalismo poluidores desenfreado beneficia que OS deslocando os mais pobres e colocando em risco a biodiversidade e a civilização como a conhecemos hoje. As vozes que exigem que a justiça social esteja no coração de um mundo de carbono zero estão ficando mais altas.

19 LISTA DE FONTES

- Ana Toni Instituto Clima e Sociedade (Política global e brasileira)
 - ana@climaesociedade.org ou via cintya@climaesociedade.org / @climaesociedade
- André Ferreira IEMA (Energia e transportes)
 - andre@energiaeambiente.org.br ou via isis@energiaeambiente.org.br / @IEMA_instituto
- Ane Alencar IPAM (Amazônia) via cristina.amorim@ipam.org.br / @IPAM_Amazonia
- Brenda Brito Imazon (Amazônia, REDD) brendabrito@imazon.org.br / @brenda brito / @Imazon
- Carlos Rittl Observatório do Clima (Política global e brasileira, NDC brasileira) carlosrittl@observatoriodoclima.eco.br ou via solange@pbcomunica.com.br / @carlosrittl / @obsclima
- Ciniro Costa Júnior IMAFLORA (Emissões da agricultura)
 - ciniro@imaflora.org / @imaflora
- Márcio Astrini Greenpeace (política brasileira) –
 marcio.astrini@greenpeace.org / @marcioastrini / @greenpeaceBR
- Maria Paula Fernandes Uma Gota no Oceano (indígenas)
 - mariapaula@umagotanooceano.org / @UmaGotaNoOceano
- Mark Luttes WWF-Brasil (Negociações climáticas) -Via sandra.miyashiro@avivcomunicacao.com.br / @MarkLuttes / @WWF_Brasil
- Paulo Artaxo USP (ciência climática) artaxo@if.usp.br / @PauloArtaxo
- TASSO AZEVEDO SEEG/OBS.CLIMA (EMISSÕES BRASILEIRAS) TASSO.AZEVEDO@GMAIL.COM / @TASSOAZEVEDO

ESPECIALISTAS NÃO-GOVERNAMENTAIS INTERNACIONAIS

- Camilla Born, Conselheira Sênior de Políticas, E3G, Contato: camilla.born@e3g.org
- Li Shuo, Oficial Sênior de Políticas Climáticas e Energia, Greenpeace China, Contato: li.shuo@greenpeace.org
- Alden Meyer, Union of Concerned Scientists, Contato: ameyer@ucsusa.org
- Mohamed Adow, líder internacional em clima, Christian Aid, contato: Madow@christian-aid.org



20 PARA SEGUIR NO TWITTER

- António Guterres Secretário Geral da ONU @ antonioguterres
- Carolina Schimdt Ministra do Meio Ambiente do Chile @CarolaSchmidtZ
- Climate Action Network (internacional) @CANIntl
- Climalnfo notícias da imprensa brasileira e internacional @ClimalnfoNews
- Climate Central estudos sobre nível do mar @ClimateCentral
- Climate Signals plataforma de informações @ClimateSignals
- Climate Tracker rede de comunicadores climáticos @ClimateTracking
- COP25 twitter oficial da conferência @COP25CL
- Engajamundo juventude brasileira @ENGAJAMUNDO
- Green Climate Fund #TheGCF
- Greta Thunberg @GretaThunberg
- IPCC Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas @IPCC_CH
- Kristalina Georgieva diretora geral do FMI @KGeorgieva
- ONU Mudanças Climáticas @UNFCCC
- Patrícia Espinosa @PEspinosaC
- Pedro Sánchez, primeiro ministro espanhol @sanchezcastejon



ONDE CONSEGUIR INFORMAÇÕES ÚTEIS?

NOS SITES DA UNFCCC:

- Instruções para jornalistas cobrindo a COP25 em
 Madri: https://unfccc.int/sites/default/files/resource/2019%20Media%20Fact%20Sheet.
 pdf
- Vídeos e webcast: https://unfccc.int/about-us/press-and-media/webcast
- Lista de eventos na COP25: https://unfccc.int/process-and-meetings/conferences/unclimate-change-conference-december-2019/events-at-cop-25
- Sala de imprensa da COP25: https://unfccc.int/process-and-meetings/conferences/un-climate-change-conference-december-2019/information-for-the-press-at-cop-25
- Fotos, releases e discursos da UNFCCC: https://unfccc.int/process-and-meetings/conferences/un-climate-change-conference-december-2019/media-products-speeches-and-statements-at-cop-25
- Para consulta dos compromissos dos países
 (NDCs): https://www4.unfccc.int/sites/NDCStaging/Pages/All.aspx

OUTRAS FONTES

- 1.ECO newsletter diária das ONGs ambientalistas sobre as negociações: http://www.climatenetwork.org/eco-newsletters
- 2.ENB atualizações diárias sobre os detalhes das negociações: http://www.iisd.ca/
- 3. Observatório do Clima matérias diárias com opiniões das ONGs ambientalistas brasileiras sobre as negociações: http://www.observatoriodoclima.eco.br
- 4.0 jargão da UNFCCC pode ser traduzido via: http://www.theroadthroughparis.org/glossary e também via http://www.rtcc.org/2014/11/28/jargon-busting-inside-the-world- of-the-un-climate-talks/
- Agregador de informações sobre emissões globais: https://www.climatewatchdata.org
- Dados sobre emissões brasileiras: http://seeq.eco.br
- A diferença entre 1,5C e 2C: https://interactive.carbonbrief.org/impacts-climatechange-one-point-five-degrees-two-degrees/ e https://www.wri.org/blog/2018/10/halfdegree-and-world-apart-difference-climate-impacts-between-15-c-and-2-c-warming
- 5. Para receber boletins diários com notícias da COP25 e outros assuntos relacionados com mudanças climáticas e energias renováveis publicados na imprensa nacional e internacional, envie seu email para noticias@climainfo.org.br

22 PARA QUEM VAI A MADRI

Fuso horário: + 4 horas

- Local da COP: Avda. del Partenón, 5 https://www.ifema.es/en
- Transporte: a credencial da COP dá livre acesso ao transporte público de Madri por cinco dias, com direito a recarga.
- Greves são previstas e interrupções devem ocorrer nos horários de pico de 2 a 5 de dezembro e de 10 a 13 de dezembro. As linhas de metrô afetadas podem ser consultadas neste site: https://unfccc.int/process-and-meetings/conferences/unclimate-change-conference-december-2019/information-for-cop-25-participants-az#eq-26
- Horário dos bancos:
- De terça-feira a quinta-feira,

12/12: 09:00-12:30 e

13:00-18:00 h (exceto domingo)

• Sexta-feira, 13 de dezembro:

09:00 - 17:00 hrs

- O horário de funcionamento dos feriados espanhóis de 6 e 9/12
- nao está confirmado.
- 1. Eletricidade: 220V

2.

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
1	2	3	4	5	6	7
12°/4°	10%o°	9° /2°	11%2°	10%3°	10%3°	11°/2°
Méd. Histórica Méd. 11°/2°	Méd. Histórica Méd. 11°/2°	Méd. Histórica Méd. 11°/2°	Méd. Histórica Méd. 10°/2°	Méd. Histórica Méd. 10°/2°	Méd. Histórica Méd. 10°/2°	Méd. Histórica Méd. 10°/2°
8	9	10	11	12	13	14
11%3°	10%3°	12%4°	12%3°	11%1°	8%2°	10%1°
Méd. Histórica Méd. 10°/2°						

DICAS

- Sempre consulte o daily program no site da UNFCCC: https://unfccc.int/cop25
- 1. As coletivas nas salas destinadas a esse fim são transmitidas por webcast se não pretende fazer perguntas, você pode acompanhá- las pelo site da UNFCCC.
- 2. Ingresse nos grupos de WhatsApp que serão criados (para jornalistas, para os brasileiros presentes à COP etc).
- 3. A primeira semana de negociações tende a ter menos notícias, já que as decisões são tomadas na segunda semana. Aproveite para ficar de olho nos eventos paralelos (side events) oficiais ou mesmo em eventos paralelos realizados fora do local da conferência.
- 4. Os cafés e restaurantes do local da conferência são ótimos para encontrar negociadores e outras fontes. Este ano, o Brazilian Climate Action Hub promete ser o ponto de encontro dos brasileiros.
- 5. Você vai precisar de adaptador de tomada para o padrão europeu.
- 6. Não esqueça de levar baterias extras. Nem sempre você conseguirá tomadas disponíveis.
- 7. Todos os participantes com credencial têm direito a um brinde dos organizadores. Procure o local de distribuição.

SOBRE O climainfo

O Instituto Climalnfo surgiu com o objetivo de oferecer um ambiente livre de especulações e fake news sobre mudanças climáticas para contribuir com um debate produtivo, baseado em fatos e dados reais, sobre ações e políticas para a mitigação e a adaptação às consequentes mudanças climáticas globais.No Climalnfo você encontra notícias, estudos e pesquisas sobre os vários temas relacionados às mudanças do clima, além de entrevistas, análises e verificações de fatos. Além do site, mantemos boletim diário com resumos das principais notícias publicadas na imprensa nacional e internacional. Trabalhamos para produzir artigos e gráficos claros e baseados em dados para ajudar a melhorar a compreensão do tema - tanto da ciência do clima quanto da política de resposta pública. O Instituto ClimaInfo é uma organização sem fins lucrativos filiada ao Global Strategic Communications Council (GSCC), uma rede internacional de profissionais de comunicação que atuam no campo do clima e da energia. Temos acompanhado as conferencias climáticas há anos, especialmente o processo que se desenrola de Copenhague até os dias de hoje.

www.climainfo.org.br www.facebook.com/climainfo www.twitter.com/climainfonews



